

- **AEL Sistemas apresenta, na 4ª Mostra BID Brasil, inovações para o setor de defesa***
- **Como arma a laser começa a sair da ficção científica para ser usada militarmente***
- **Índia finaliza compra de aviões de combate Rafale***
- **Não há como fugir dos ciberataques, diz israelense especialista em segurança***

AEL Sistemas apresenta, na 4ª Mostra BID Brasil, inovações para o setor de defesa*

Estande da empresa exibirá equipamentos de última geração entre os dias 27 e 29 de setembro

A AEL Sistemas apresentará na 4ª Mostra BID Brasil, um dos eventos mais importantes do setor nacional de defesa, tecnologias de ponta lançadas pela empresa. O destaque é o cockpit de última geração para o Gripen NG que integra o display de tela única Wide Area Display (WAD), o Head Up Display (HUD) e o capacete Targo, um sistema que proporciona amplos benefícios operacionais aos pilotos ao aprimorar a consciência

situacional, pois as informações de voo e de navegação são apresentadas no capacete, reduzindo a carga de trabalho, aumentando a segurança do voo e a fusão de dados.

A exposição contará ainda com o CORAL-CR, um avançado binóculo com imageador termal refrigerado e apontador laser destinado a operações de defesa e segurança, podendo ser empregado em missões de inteligência, vigilância, reconhecimento e aquisição de alvos, nos mais variados ambientes e condições climáticas. O sistema já operou em combate e foi selecionado para o programa SISFRON – Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras.

No estande da AEL os visitantes poderão ainda ver um dos desenvolvimentos em pesquisa e inovação da empresa. A placa X86 é um módulo computador embarcado, robustecido e de alto desempenho, cujo projeto e fabricação são inovadores no Brasil e que pode equipar sistemas para aplicações militares.

Fonte: Poder Aéreo

Data da publicação: 26 de setembro

Link: <http://www.aereo.jor.br/2016/09/26/ael-sistemas-apresenta-na-4a-mostra-bid-brasil-inovacoes-para-o-setor-de-defesa/>

Como arma a laser começa a sair da ficção científica para ser usada militarmente*

O governo britânico está finalizando um acordo de 30 milhões de libras (R\$ 127 milhões) com uma empresa fabricante de armamentos para desenvolver o protótipo de uma arma a laser - que deve ser chamada de "Dragonfire" (fogo de dragão, em tradução livre).

O conceito de se usar um raio concentrado de laser para atacar inimigos é comum na ficção científica, especialmente em franquias como Star Wars e Star Trek, mas só nos últimos anos ele começou a dar origem a armas reais.

Muito países já desenvolvem a ideia há anos, em busca de uma nova geração de armamentos. Porém, as pistolas ou fuzis que disparam raios coloridos no cinema parecem ainda estar um pouco distantes da realidade.

Boa parte da pesquisa militar sobre o tema que já veio público se concentra em criar armas laser de grande porte para o uso em navios de guerra. O objetivo delas é destruir mísseis e foguetes que ameacem a embarcação e também usar seu sistema ótico para identificar possíveis alvos a distância.

Em 2014, os Estados Unidos anunciaram ter equipado ao menos um de seus navios de guerra - o USS Ponce - com um protótipo de sistema de arma a laser. Ele é uma espécie de canhão que dispara um feixe de laser invisível. A função da arma é complementar sistemas de defesa do navio de guerra, que são projetados para destruir mísseis já próximos da embarcação.

Durante testes, a arma provou ser efetiva também para desabilitar ou destruir drones e pequenas embarcações hostis. Os militares americanos dizem que os aviões não tripulados e pequenas lanchas podem ser usados contra seus navios por inimigos mais fracos nas chamadas "guerras assimétricas" (quando um Estado luta contra grupos extremistas ou guerrilheiros, por exemplo).

Mira e identificação de alvos

Mas por que desenvolver a tecnologia de armas laser?

O laser já tem aplicações militares conhecidas, especialmente quando se fala em sistemas de mira e identificação de alvos. Ele também chegou a ser usado para cegar inimigos, mas esse tipo de utilização foi banido em tratados internacionais por ser excessivamente cruel.

A pesquisa atual é sobre a utilização do laser como uma espécie de "munição" - substituindo mísseis e projéteis.

Uma das maiores vantagens desse novo tipo de arma seria a redução dos custos. Armas navais convencionais exigem o uso de munições e mísseis que custam milhares de dólares e ocupam muito espaço nas embarcações militares.

Já um disparo de laser custava à Marinha americana à época dos testes apenas cerca de US\$ 1. O custo baixo se explica porque ele depende basicamente da geração de energia do navio. Além disso, a nova "munição" não necessitava de grandes locais de armazenamento e o navio não precisava ser reabastecido de munição a laser.

Tecnologia britânica

A empresa responsável pelo desenvolvimento do equipamento para o Ministério da Defesa da Grã-Bretanha será a fabricante de mísseis MBDA UK Ltd.

Pelo contrato, a empresa terá que criar uma arma de energia laser dirigida (LDEW, na sigla em inglês) que seja capaz de fazer uma demonstração efetiva entre os anos de 2018 e 2019.

Para cumprir a tarefa, a MBDA trabalhará com outras empresas desenvolvedoras de tecnologia militar.

O sistema de armas laser deverá ser capaz de identificar alvos a distância em qualquer tipo de clima ou terreno "com precisão suficiente para permitir um combate seguro e efetivo".

Outra possibilidade da pesquisa, é que o laser seja usado no futuro para proteger tropas terrestres contra ataques de artilharia.

A pesquisa do Dragonfire faz parte de um fundo de inovação do Ministério da Defesa da Grã-Bretanha destinado a, entre outros objetivos, dar vantagem tecnológica para seus militares em combate, segundo o governo.

Fonte: Defesanet

Data da publicação: 26 de setembro

Link: <http://www.defesanet.com.br/armas/noticia/23615/Como-arma-a-laser-comeca-a-sair-da-ficcao-cientifica-para-ser-usada-militarmente/>

Índia finaliza compra de aviões de combate Rafale*

Índia e França assinaram o contrato de € 7,8 bilhões correspondente ao fornecimento de 36 aviões de combate Dassault Rafale para o país asiático.

A cerimônia contou com presença do ministro da Defesa da França, Jean Yves Le Drian, do ministro da defesa da Índia, Manohar Parrikar, do CEO da Dassault, Eric Trappier, além de outros representantes dos governos e de empresas dos dois países.

Com o acordo, a Dassault alcançou seu terceiro contrato de exportação do avião de combate multifuncional (ou Ominirole como dizem os franceses) acumulando um pedido de 84 exemplares para Egito, Índia e Qatar.

A primeira venda internacional do Rafale foi firmada com o Egito, em uma encomenda de 24 aviões do modelo em fevereiro de 2015.

Fonte: Tecnodefesa

Data da publicação: 27 de setembro

Link: <http://tecnodefesa.com.br/india-finaliza-compra-de-avioes-de-combate-rafale/>

NÃO HÁ COMO FUGIR DOS CIBERATAQUES, DIZ ISRAELENSE ESPECIALISTA EM SEGURANÇA*

Como combater os silenciosos e anônimos ataques cibernéticos, atraídos pela vulnerabilidade de produtos como celulares, tablets, geladeiras e até o marcapasso ou automóvel inteligente? De acordo com o ex-diretor da Autoridade Nacional de Segurança Cibernética de Israel, Erez Kreiner, no caso de ciberataques não há para onde fugir ou se esconder. “Um vírus pode entrar nos lugares mais defendidos, se as medidas corretas não forem tomadas, como treinamento para uso de ferramentas adequadas para evitar o ataque.”

O executivo abordou o tema durante a palestra “Para o Sucesso do Negócio, a Melhor Defesa é ... Defesa”, ministrada, nesta quarta-feira (21/9), na sede da Fiesp.

Para demonstrar o quanto ainda há de vulnerabilidade tecnológica em todo o mundo, que permite ciberataques e muitos danos, Kreiner lembra de casos como o do aeroporto de Varsóvia, que em 2015, depois de um ataque cibernético, ficou fechado por cerca de cinco horas e afetou mais de 1.400 passageiros.

O especialista também citou a Sony Pictures Entertainment, vítima de uma grande invasão cibernética há dois anos, com o vazamento de dados de bastidores do filme *The Interview*, que retrata fictícia entrevista com o ditador norte-coreano Kim Jong-un. “Os hackers estavam dentro da Sony muitos anos antes do ataque, O prejuízo para a empresa foi de US\$ 500 milhões”, explica.

Para Kreiner, o exemplo demonstra que as empresas geram muitas informações diariamente, com brechas que permitem ameaças cibernéticas. “A melhor prevenção é fazer uma análise correta para a proteção adequada.”

Questionado sobre a pouca eficiência na caça a terroristas, mesmo com tanta tecnologia moderna, Kreiner respondeu com tranquilidade. “Mesmo que 95% dos ataques cibernéticos sejam detectados, não encontramos 95% dos criminosos responsáveis por eles. É difícil rastreá-los”, afirmou. E acrescentou: “se combinarmos a flexibilidade de um [Israel] e a força do outro [Brasil], podemos conseguir avançar”, conclui.

Fragilidade cibernética

Diretor do Departamento de Segurança da Fiesp (Deseg), Rony Vainzof abriu o evento destacando que a grande vulnerabilidade dos atuais softwares e hardwares, além do desconhecimento das pessoas que utilizam rotineiramente a tecnologia sem saber da fragilidade, aumenta a possibilidade de ameaças cibernéticas.

Para exemplificar, Vainzof lembra que nos Jogos Olímpicos o número de tentativas de ataques cibernéticos no país duplicou, segundo dados do Mapa de Ameaças Digitais desenvolvido pela empresa de segurança digital PSafe.

O diretor da Fiesp cita pesquisa de empresa norte-americana, divulgada em agosto de 2015, que aponta o Brasil como o terceiro país no mundo em realização de ataques cibernéticos. Daqui são feitos 11% dos ciberataques, apenas atrás dos Estados Unidos, com 15%, e da China, com impressionantes 51%. O Brasil também está entre os maiores alvos destes ciberataques recebendo 7% das ameaças do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos, que recebem 81% destes ciberataques.

De acordo com Vainzof, “Security by design”, o desenvolvimento de hardwares e softwares com a segurança aplicada, é um novo conceito que já vem sendo discutido em todo o mundo, que traria a proteção ao usuário, desde a fabricação do produto. “Ainda há polêmica sobre isto, mas seria uma excelente ferramenta para minimizar os estragos dos ciberataques”, finaliza.

Fonte: Fiesp

Data da publicação: 21 de setembro

Link: <http://www.fiesp.com.br/noticias/nao-ha-como-fugir-dos-ciberataques-diz-israelense-especialista-em-seguranca/>

* Não mencionado o autor no texto.